

Abril Vermelho 2023: re-ocupar o Brasil com Agroecologia *Red April 2023: reoccupying Brazil with Agroecology*

FRANÇA, Felipe Galvão de¹; ANTUNES, Beatriz Cristina ²; AMORIM, Raul ³;
ANUKE, Mônica Miyuki ⁴; GALDINO, Caíque ⁵; AMARAL, Júlia Letícia ⁶; MELO,
Amanda ⁷; ALVES, Márcio ⁸; FERREIRA, Maria Fernanda Mercadante ⁹; FRANCO,
Fernando Silveira ¹⁰

¹ felipepecucio@gmail.com; ² CCHB UFSCar, bihufscar@gmail.com; ³ SEDUC-SP,
raulwallace2320@gmail.com; ⁴ CCTS UFSCar, monicaakune@estudante.ufscar.br; ⁵ CCHB UFSCar,
galdinocaíque27@gmail.com; ⁶ CCHB UFSCar, julialamsa@estudante.ufscar.br; ⁷ CCHB UFSCar,
amanda.melo@estudante.ufscar.br; ⁸ marcioalvespt@hotmail.com; ⁹ CCTS UFSCar,
mferreira@estudante.ufscar.br; ¹⁰ CCTS UFSCar, fernando.agrofloresta@gmail.com

RELATO DE EXPERIÊNCIA POPULAR

Eixo Temático: Construção do Conhecimento Agroecológico

Apresentação e contextualização da experiência

O homem não pode participar ativamente da história, na sociedade, na transformação da realidade se não for ajudado a tomar consciência da realidade e da sua própria capacidade para transformar [...]. Ninguém luta contra forças que não entende, cuja importância não meça, cujas formas e contornos não discirna; [...] Isto é verdade se se refere às forças da natureza [...] isto também é assim nas forças sociais [...]. A realidade não pode ser modificada senão quando o homem descobre que é modificável e que ele o pode fazer. (FREIRE, 1979, p. 22).

Desde 2010, o Núcleo de Agroecologia Apetê Caapuã (NAAC) promove no *campus* Sorocaba da Universidade Federal de São Carlos, o Abril Vermelho, que se caracteriza como um ciclo de debates e ações que busca reunir estudantes, pesquisadores, agricultores familiares e movimentos sociais para discutir a reforma agrária popular e promover a agroecologia como alternativa sustentável para a ocupação do território brasileiro (VIANA *et al.*, 2017). A origem do Abril Vermelho remonta às jornadas de luta travadas pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais

Sem Terra - MST desde 17 de abril de 1996, quando 21 militantes foram mortos pela Polícia Militar do Pará em Eldorado do Carajás, reconhecido como um dos maiores massacres contra camponeses da história moderna (SANTOS *et al.*, 2020). A partir de 2014, o Abril Vermelho passou a integrar a Jornada Universitária em Defesa da Reforma Agrária - JURA, impulsionada pelo MST como parte da articulação entre campo-cidade-universidade para a promoção do debate sobre reforma agrária, soberania e segurança alimentar e agroecologia (SANTOS *et al.*, 2020).

O trabalho objetiva relatar de forma sucinta o evento a partir daquelas e daqueles que o organizaram, tanto quanto registro e memória, quanto razão e alimento para a esperança ativa que Freire (1987) traz: “esperançar é se levantar, esperançar é ir



atrás, esperar é construir, esperar é não desistir! Esperar é levar adiante, esperar é juntar-se com outros para fazer de outro modo”.

Desenvolvimento da experiência

Figura 1: participantes das mesas do 13º Abril Vermelho da UFSCar Sorocaba



Fonte: elaborada por Felipe França, 2023.

A 13ª edição, em 2023, trouxe como tema “Re-ocupar o Brasil com Agroecologia”. A organização do evento se deu por conta do NAAC com o partido Consulta Popular, e com parcerias com o MST, Centro Acadêmico da Biologia UFSCar Sorocaba – CABio Lobo Guará e Associação Atlética Acadêmica da Engenharia Florestal, Lumberjack. Neste ano, o evento contou com cinco mesas de palestras presenciais e dois mutirões, que foram realizados tanto nas dependências da universidade como no Sítio Boaventura, localizado no Assentamento Ipanema em Iperó/SP. Cada mesa de diálogo abordou temas relevantes relacionados à agroecologia e à luta pela reforma agrária.

A primeira ação foi um mutirão agroecológico realizado no *campus* da UFSCar Sorocaba, no dia 11 de maio de 2023, como parte das atividades de recepção de ingressantes. Foi um mutirão com cerca de 20 pessoas, o que serviu para nós como termômetro da nossa capacidade de divulgação.

A primeira mesa, realizada no dia 16 de maio, teve como mote “porque defendemos uma reforma agrária popular?”, e contou com a presença de Fernando Franco, coordenador do NAAC, Márcio Alves, estudante de arquitetura e coordenador da Macrorregião Sorocabana pelo Partido dos Trabalhadores (PT) e Júlia Amaral,



historiadora, estudante de Geografia e militante da Consulta Popular. Contou com a expressiva participação de 80 pessoas, e debateu os fatores históricos da posse de terra no Brasil, os impactos do Massacre de Eldorado dos Carajás na luta pela terra e a relação entre Agroecologia e Reforma Agrária Popular.

A segunda mesa, realizada no dia 24 de maio, teve como tema “a luta popular no Brasil de 2023: como enfrentar o neofascismo?” e contou com a presença de Fernanda Ikedo, jornalista do Portal Porque e o Armando Boito, professor da UNICAMP e militante da Consulta Popular. Neste espaço debateu-se os desafios políticos presentes na atual conjuntura, e de que forma o neofascismo impacta a organização popular.

A terceira mesa, com o tema “soberania alimentar e políticas públicas: desafios do governo Lula”, lotou o auditório do Centro de Ciências e Tecnologias para a Sustentabilidade - CCTS, e trouxe para o debate Meire Elen, do Banco de Alimentos de Sorocaba, Mara Melo, presidenta do CEAGESP Sorocaba e ex prefeita de Araçoiaba da Serra, e Henrique Carmona, professor da UFSCar Lagoa do Sino e coordenador do Núcleo de Estudos em Agroecologia - NEA Casas. Neste espaço, realizado no dia 30 de maio, diversos elementos sobre o desafio que é construir política pública diante da terra arrasada que nos encontramos foram trazidos, assim como destaques para a necessidade da construção de redes amplas para além da universidade.

A atividade seguinte do Abril Vermelho, foi parte da jornada em defesa dos assentamentos: um mutirão agroecológico, organizado de forma solidária para realizar atividades diversas no sítio Boaventura, em Iperó/SP. Neste espaço, mais de 60 pessoas de diversas organizações estiveram presentes: partidos (PT, PSOL, PCB, Consulta Popular), sindicatos (Sindipetro Unificado, APEOESP), NEAs (Casas, NAAC), organizações (ABA Sudeste, APA, APROBIO), estudantes de graduação e pós graduação, agricultores familiares e pessoas não organizadas. Durante o domingo houveram momentos de prosa, de trabalho coletivo, de visita guiada ao território, de música, de reflexão e de cuidado. As atividades desenvolvidas abrangeram uma variedade de tarefas, como o cuidado da horta, a organização dos espaços destinados aos animais e a aplicação de preparados biodinâmicos, incluindo o uso do Bokashi como fertilizante para as plantas.

No dia 13 de junho realizou-se a quarta mesa, intitulada “Mulheres e agroecologia: rompendo as cercas da dominação”. Com a presença de Vivian Delfino Mota, do NEA Negras do Instituto Federal de São Paulo - IFSP *campus* São Roque, da Natália Lobo da Sempreviva Organização Feminista - SOF e da Laura Carvalho, pesquisadora da UNICAMP. A mesa debateu de quais formas as mulheres se organizam e se reinventam para enfrentar os desafios impostos pelo patriarcado no campo.

A última mesa, no dia 21 de junho, abordou o “trabalho no campo e as perspectivas na Agroecologia” e contou com a presença de Maria Rodrigues, agrônoma



assentada em Iperó/SP e parceira histórica do NAAC, Maria di Pietrantonio e Mário Cadorn, do Instituto Agroecologia Viva, de Campinas/SP, e Joelson Carvalho, professor da UFSCar São Carlos e coordenador do NEA Núcleo de Pesquisa e Extensão Rural - NuPER. Nesta mesa, levantaram-se debates sobre os desafios do trabalho no campo e de que maneiras a Agroecologia precisa se articular para dignificar e humanizar o trabalho rural.

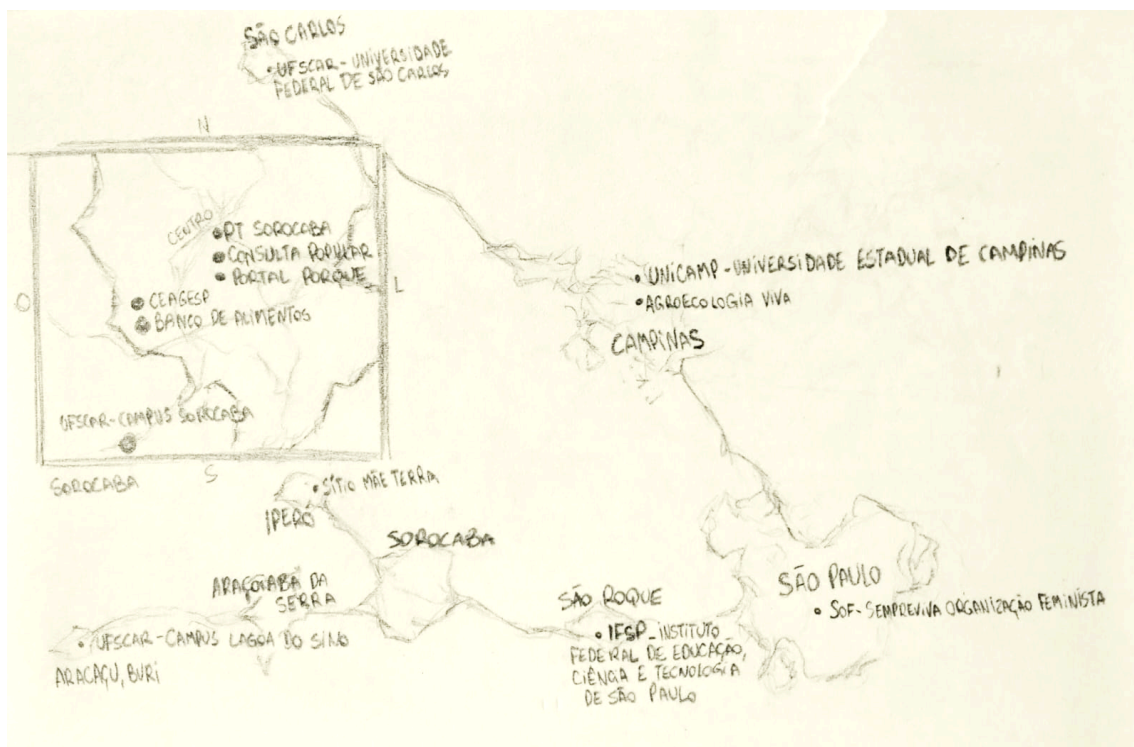
Desafios

A construção das mesas desta edição levou em consideração dois aspectos relevantes: 1) paridade de gênero nos espaços e diversidade étnico-racial e 2) fortalecimento das redes agroecológicas com a vinda de parceiros estabelecidos e novas possibilidades. Juntamente, diante da CPMI do MST, fez-se questão de realizar-se um mutirão no assentamento durante a semana de visita aos assentamentos do MST e defesa da reforma agrária, entre os dias 2 e 10 de junho de 2023. A organização do evento se dividia de forma a garantir a participação efetiva das parcerias nos espaços, a fim de profissionalizar a atuação de sujeitos para a promoção de eventos diversos e com articulação com organizações e pessoas diversas. A escolha dos temas e ordem das mesas teve intencionalidade, também: partir de bases fundamentais para poder construir um caminho que nos levasse não a um fim, mas a outras possibilidades e desafios.

A diversidade de sujeitos e territórios fica evidente quando colocados em mapa, como na figura 2 a seguir. Isso desafiou a organização a encontrar meios de garantir que sujeitos de locais tão diversos pudessem ir e que sua ida tivesse sentido e significado para os objetivos do evento, pontos que tendo em vista a qualidade dos espaços foram alcançados. A diversidade de sujeitos também reforça o caráter inter-regional do evento, que mobiliza diversos territórios em prol do debate e da re-ocupação agroecológica da universidade e suas pessoas.



Figura 2: mapa dos territórios dos quais os sujeitos foram mobilizados para o 13º Abril Vermelho.



Fonte: elaborado por Felipe França, 2023.

Principais resultados alcançados

A 13ª edição do Abril Vermelho rendeu frutos notáveis ao conjunto de participantes de sua organização: aproximou pessoas das organizações envolvidas, promoveu diversidade de pessoas, se relacionou com redes estabelecidas e novas redes e conseguiu, de forma inesperada, mobilizar pessoas diversas dentro da universidade para prestigiar seus espaços. Cumpru com seus objetivos de manter a esperança ativa num momento de desmobilização social e desinteresse pela política do cotidiano, juntamente com a apresentação e encantamento dos demais sujeitos em torno da Agroecologia. Uma prova concreta disso é que da primeira mesa, as duas pessoas que não eram do NAAC, agora constroem o NAAC, e isso traz muita alegria.

O evento, com suas mesas e mutirões, se mostram como espaços possíveis para promover discussões, trocas de experiências e reflexões sobre a agroecologia como um caminho para a transformação do campo brasileiro. O contexto socioeconômico e ambiental em que as atividades foram realizadas, demonstra a urgência de se repensar o modelo atual de agricultura e buscar alternativas sustentáveis. A agroecologia surge como uma resposta viável e promissora para enfrentar os desafios socioambientais, garantir a soberania alimentar e promover uma distribuição mais justa dos recursos e terras.



Disseminação da experiência

A importância do evento Abril Vermelho, foi analisada internamente quanto externamente à universidade, devido às atividades significativas que engloba. Nota-se internamente, que proporciona um espaço de diálogo e reflexão para diversas esferas sociais, sendo assim, uma oportunidade de reunir diferentes perspectivas, conhecimentos e experiências, promovendo o enriquecimento acadêmico e a troca de saberes. Dentro da universidade, o Abril Vermelho contribui para fortalecer os estudos e as práticas relacionadas à agroecologia, estimulando a formação de redes de colaboração e o desenvolvimento de pesquisas nessa área. Sendo assim, foi criado um espaço de mobilização e engajamento estudantil, permitindo que os alunos se envolvam ativamente na organização e na participação das atividades, ampliando seu aprendizado para além da sala de aula.

Externamente, se conecta com atores sociais diversos, como agricultores familiares, movimentos sociais, organizações não governamentais e representantes de instituições governamentais. Essa interação entre academia e sociedade civil é fundamental para fomentar a troca de conhecimentos e experiências entre os diferentes saberes. Sendo assim, desempenha um papel relevante ao disseminar informações sobre a importância da agroecologia e da reforma agrária, tanto para a sociedade em geral quanto para os tomadores de decisão e formuladores de políticas públicas.

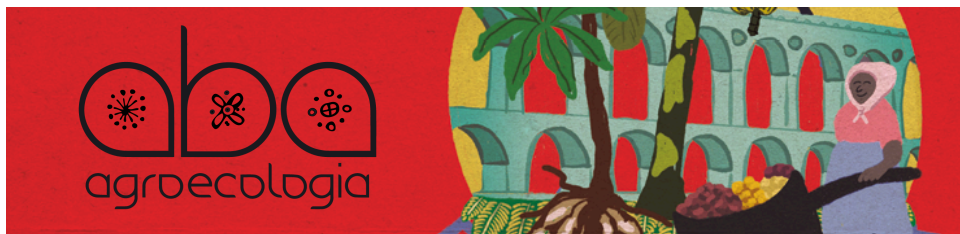
Podemos dizer que o Abril Vermelho transcende os muros da universidade, promovendo um diálogo horizontal e inclusivo com a sociedade, e as atividades realizadas durante o evento têm o potencial de inspirar ações concretas.

Referências bibliográficas

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire.** São Paulo: Cortês e Moraes, 1979. Disponível em: https://www.fpce.up.pt/ciie/sites/default/files/Paulo%20Freire%20-%20Conscientiza%C3%A7%C3%A3o_pp.5-19.pdf. Acesso em: 02 jul. 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 17ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/espanhol/pdf/pedagogia_do_oprimido.pdf. Acesso em: 08 jul. 2023.

VIANA, Sarah Santos; FRANCO, Fernando Silveira; STEYER, Fabia Schneider; ALVES, Suzana. Núcleo de Agroecologia Apetê-Caapuã-UFSCar Sorocaba: tecendo redes na bacia do Sorocaba Médio Tietê. **Cadernos de Agroecologia**, v. 12, n. 1, 2017. Disponível em: <https://revistas.aba-agroecologia.org.br/cad/article/view/22325>. Acesso em: 15 jul. 2023.



SANTOS, Julio Cesar Novais; SILVA, Edilania Pereira da; OLIVEIRA, Adrielle dos Santos; SOUZA, Davy Lima de; SILVA, Esmeraldo Dias da; SANTOS, Shirlan Feitosa. Jornada universitária em defesa da reforma agrária: debatendo educação pública, direitos humanos e questão agrária na Universidade. **Cadernos de Agroecologia**, v. 15, n. 2, 2020. Disponível em: <http://cadernos.aba-agroecologia.org.br/cadernos/article/view/3671>. Acesso em: 15 jul. 2023.